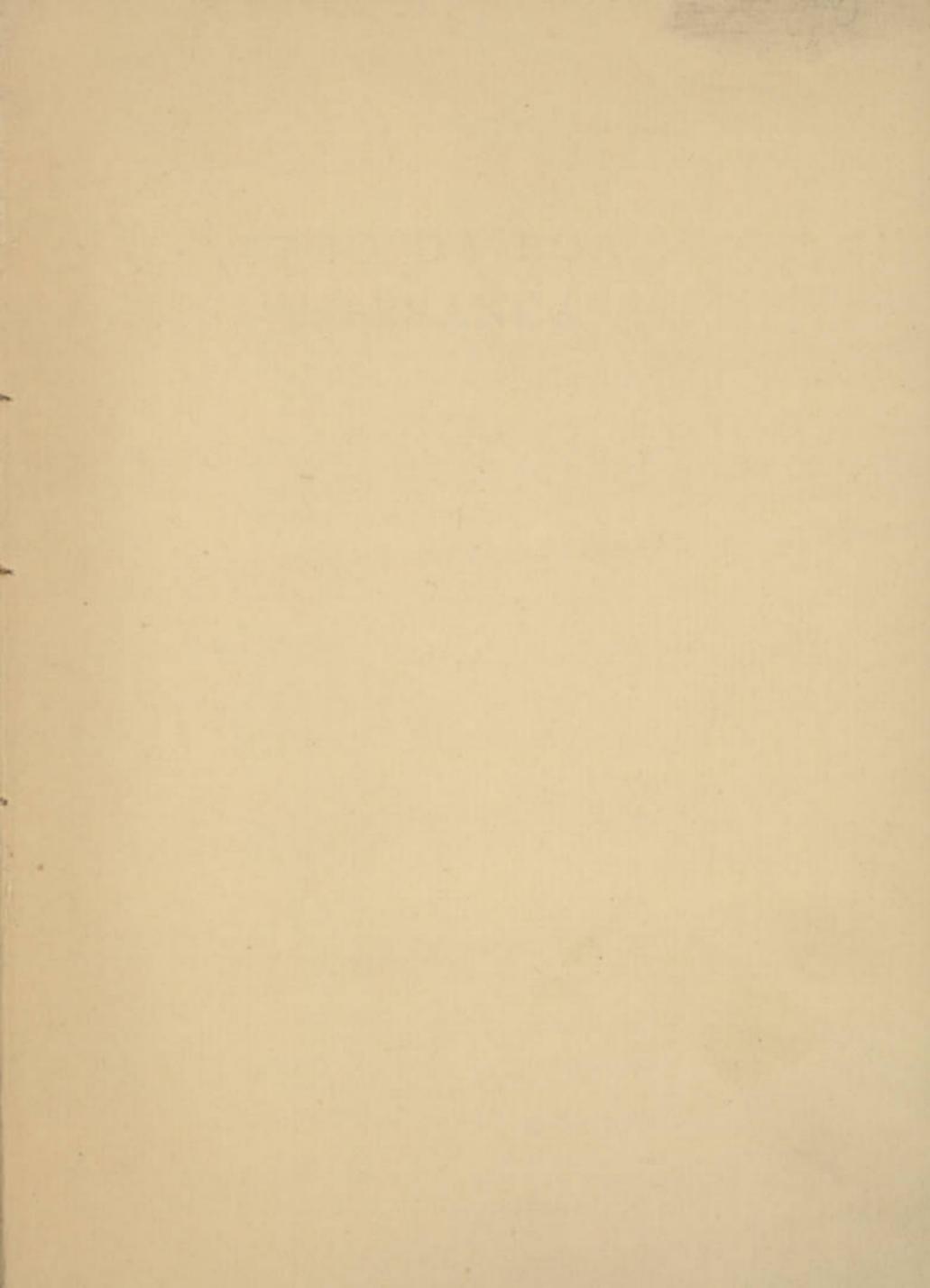


CABO DA BOA ESPERANÇA

VERSOS
DE
SEBASTIÃO DA GAMA



PORTUGÁLIA EDITORA
LISBOA



CABO DA BOA
ESPERANÇA

CABO DA BOA ESPERANÇA

VERSOS
DE
SEBASTIÃO DA GAMA



DEZEMBRO
1 9 4 7

COMPRA
342366

821

2
95060

CABO DA BOA
ESPERANÇA

ESTADO DA BAHIA

H1306994

A meus Pais,
ao Jorge Alexandre
e ao Manel

ΕΠΙΓΡΑΦΕ

Que me importa, meus versos, que vos tomem
(e eu vos tome também) por chaves falsas,
se vós me abris as portas verdadeiras?

CABO DA BOA
ESPERANÇA

Nunca fala da Vida
sem que entristeça...

— Mas as flores que morrem
nascem outra vez...

Mas pela ardentia
zunem as cigarras...

Mas aquela moça
traz no ventre um filho...

Mas das folhas secas
que há pelo Outono

(de olhá-las a gente
quase entristecia)

já ninguém se lembra,
quando é Primavera...

ALVORADA

Lembro discretamente o vago instante,
no fundo da minh'alma acontecido,
em que todos que tinham desistido
de não sei que batalhas malogradas,
pegaram novamente nas espadas,
dispostos a vencer ou a morrer...

AS FONTES

Havia fontes na montanha.
Mas estavam fechadas.
Ignoradas,
beijavam só as veias da montanha.

Ora um dia
não sei que vento passou
que me ensinou
aquelas fontes que havia.

Eu tinha mãos e mocidade:
só não sabia p'ra quê.
Fez-se nesse momento claridade.

Rasguei o ventre dos montes
e fiz correr as fontes
à vontade.

Então
veio quem tinha sede e quem não tinha.
De todas as aldeias
vieram, cantando, as moças
encher as bilhas.
E eu fui também cantando ao som das águas...

Cantava as minhas mãos, cantava as fontes.
Era um canto jucundo,
cheio de Sol.
Mas a meio da nota mais alegre
muita vez uma lágrima nascia.

(Ai quantos, quantos,
minha canção tornava mais conscientes
da sua melancolia
sem remédio!
Ai os que já perderam a coragem
de reclamar a sua conta de água!
Ai a mágoa
que lhes era meu hino!
Ai o insulto desumano
à sua melancolia!)

Era a meio do canto que surgia
seu travo amargo...

Mas, a meu lado, as águas
iam matando a sede de quem vinha...

Pus de parte a modéstia e o pudor
e fui contando à Vida
tudo que tinha sido a minha vida.
Não ocultei sequer um pormenor.

Ora foi depois desta confissão
que ela se me deu nua, sem disfarces,
como se eu fora o seu primeiro homem...

CANÇÃO INÚTIL

Nunca o Mar me quis ter nas suas ondas
enrolado e perdido.

Sou o Poeta das manhãs fecundas:
vivo me quer o Mar, para cantá-las.

Ó Mar, onde se acaba
tudo que é vão!

Ó Mar feito do nada dos regatos
e dos rios efémeros!

Saibam minhas manhãs a maresia!

Haja ranger de cordas de navios
e searas de limos e de peixes,
haja a violência harmónica das ondas
nas manhãs que dão cor aos meus poemas!

Tudo fala verdade ao pé do Mar.
Mesmo as núvens são velas que se rompem,
castigadas de um Sol que é vento puro
e que tem o direito de passar.
Andam gaivotas tontas à deriva
(acenos da ternura da Manhã...).Tinem, nos estaleiros, marteladas.
E os motores monótonos, os gritos
dos homens e das aves, o inquieto
verbo do Mar, nas rochas espalmado
a todos os minutos, desde há séculos,
tudo revela a esplêndida verdade
de ao pé do Mar, em tudo que é do Mar,
a Vida estar desperta.

É o ar da Manhã, hálito alegre
do Mar, que enfuna as velas orgulhosas
desta canção poético-marítima.
Religiosamente aqui desfio
meu rosário de vagas.
Canção inútil!
Clarim que anunciou a Madrugada
depois de a Madrugada ter florido...

LARGADA

Ai a tão rara, fugitiva,
certeza de vencer!...
Não me falem de Esperança! Quero é esta
decisão nas palavras e nos passos.

Navios, verdes de limos nas amarras, arrancai
do cais de meus sentidos!
Em mim não haja agora nem um gesto
que não seja bandeira desfraldada
ou vela de navio.

Meus mais longínquos pensamentos,
meus sentimentos mais receosos,
soltem-se ao claro Sol desta certeza.
Vinquem de Acção e Vida o ar da Noite.

Ao Mar!, ao Mar!,
com um peso de ferro atado aos pés,
o cadáver já podre
de meus desânimos inglórios!

E eu, verdadeiro, surja,
sorrindo a todo o vão desaire.
Rasguem velas, os mastros estilhacem,
quantos ventos vierem.
Verdadeiro por fim, cá vou.
Nem um momento só,
largo das mãos meu leme de certeza.

— Ah!, conquistado a golpes de coragem!,
ah!, ganho como prémio o que é bem meu
por direitos legítimos de Moço!

DEFESA

O Sol é meu e dos meninos ricos...

— Triste de quem não vê florir as rosas!
Triste de a quem sòmente foram dadas
ruas sombrias, lôbregos desvãos!

Ah!, mas não tenho a culpa. Sou moreno,
sou forte, porque o Sol me quer assim.
Digam ao Sol, se entendem, que se esconda:
não me peçam a mim que esconda as mãos,
nem que neguem meus olhos e meus lábios
o milagre de o Sol gostar de mim!

CANÇÃO DE GUERRA

Aos fracos e aos covardes
não lhes darei lugar
dentro dos meus poemas.
Covarde já eu sou.
Fraco, já o sou demais,
e se entre fracos fôr
me perderei também.

Quero é gente animosa
que olhe de frente a Vida,
que faça medo à Morte.
Com esses quero ir,
a ver se me convenço
de que também sou forte.
Quero vencer os medos...
Vencer-me — que sou poço
de estúpidos terrores,
de feminis fraquezas.

Rir-me das sombras, rir-me
das velhas ondas bravas,
rir-me do meu temor
do que há-dê acontecer.

Venham comigo os fortes...
Façam-me ter vergonha
das minhas covardias.
E de seus actos façam
(seus actos destemidos)
chicotes p'rós meu nervos.
Ganhe o meu sangue a cor
das tardes das batalhas.
E eu vá — rasgue as cortinas
que velam o Porvir.
Vá — jóvem, confiado,
cumprindo o meu destino
de não ficar parado.

O SEGREDO É AMAR

Fôsse mais bela a Vida e mais sincera...
Como eu lhe quero, mesmo assim!
Tanto lhe dei de mim
que já é menos acre do que fôra.

Ah!, bem parece que o Amor melhora
quanto a graça de Deus não fez bonito.
Há lá coisa mais linda do que um grito
quando foi o Amor que o pôs cá fora!...

Deixa ser o meu gesto uma grinalda
nos teus cabelos, Vida!
Deixa que o meu olhar enflora teus olhos.

Adeus, adeus teus dedos ásperos!
Adeus teu rictus doloroso!
— Vida, quem é a minha namorada?

RELATÓRIO

1

Vou pelo Mar e levo enclavinhados
os dedos num pedaço de madeira.
É da quilha, dos remos, ou do mastro?
Seja de aonde seja, se me ensina
que não desisto ainda de ir no Mar...

O' glória de saber que o Mar termina
onde a minha coragem se acabar,
a ti dou quanto é meu!
Glória de por meus nervos garantir
o direito de escarnecer da Morte
quando a Morte julgar que me venceu!

CANÇÃO DO VENTO NORTE

Vento Norte!,
Vento Norte!
Não quero já outro berço
que o Vento Norte!

O que estilhaça os navios
e enche de pranto os rosais;
me traz notícias de crimes
e faz tremer como vimes
os meus lábios...

Não mais a vida pácata,
sentadinha, sentadinha,
que não é vida nem é nada.

Que me doa, mas que eu viva!
Que importa os gritos que der,
se bem maiores os deu
minha Mãe, p'ra me parir?

Vem-me embalar, Vento Norte!,
nem que me quebres o berço.
Vamos os dois por i fora
pregar partidas aos lagos.
Minhas horas descansadas,
minhas horas morrinhentas,
só vividas
no mostrador do relógio,
eu vos renego e acuso
por crime de alta traição
contra a minha mocidade.

Agora, que venha o Vento
apagar vossa lembrança!

O Vento Norte...

O que desfolha os rosais
e põe barcos em frangalhos
e rasga os nossos cabelos
como a bandeiras de Guerra,
mas varre as núvens

para a gente ver o Sol
e segreda a meus ouvidos
coisas de tanta verdade
que já não creio que o Vento
não seja da minha idade...

CARAVELA PERDIDA

Não sabe já, perdida caravela,
não sabe a minha voz o que demanda.
(Será talvez seu rumo andar perdida...)
Ainda bem, que assim não chega nunca:
a virgem ansiedade da partida
lhe anima a toda a hora a vela panda.

Chegar? P'ra quê, se era descer as velas
e era baixar o ferro, era parar?...
Antes errar, inciente de que lado
ficam agora as águas percorridas
e de que lado o Mar por navegar.

Caravela perdida, minha voz,
eia!, retumba o ar de teus acentos!
Pinta com tua cor todos os ventos!
Rompe!, vibra!, estremece! — Ah minha voz!,
e não quebres o ritmo, e não intentes
perguntar por que cantas, porque cantas.

MOCIDADE

(Mocidade não tem crimes.
O que tem é coração!

Pedro Homem de Mello)

Quem teve dó do ladrão,
além de aquela menina,
além de aquele Poeta?
Quem teve compreensão?

Pobres dos homens que o guardam!
Nos olhos dele, descidos,
não sabem ver senão medo.
Não sabem ver senão medo
nos braços dele, caídos.

Há numa jarra, na sala
em que o guardam à vista,
três cravos como três sois:
nem os cravos têm pena.

E vão prendê-lo... (Que importa
que tenha vinte e dois anos?)
Os homens, graves, censuram.
Mostram-lhe o pêso do crime.
Discretamente, insinuam
sua moral impecável,
seu dever de homens honestos
que os não deixa perdoar.
E há uma quase alegria
no modo de o censurar...

(Que seria do Poeta?,
que seria da menina,
se aqueles homens honestos
notassem que entristeceram
ao ver passar o ladrão?)

Na jarra, os cravos triunfam.
Indiferentes, altivos,
nada lhes fala da Morte.

(...mas a menina bem sente
que antes que a Noite se acabe
suas pétalas vermelhas
hão-de pender, descòradas.

...mas o Poeta bem sabe
que têm vinte e dois anos
aquelas mãos algemadas).

Da mão de nenhum Anjo a minha vida
se vá originando, esmola dada
pelos deuses solícitos.
Quero-a ter merecida, por ganhada
com dúvidas, suores, agonias.

Acre, me será doce o fruto da Vitória,
se tiver a raiz nas minhas mãos.
E os cardos, que searas de alegrias,
se a flor que altivos erguem foi regada
por lágrimas sinceras de meus olhos.

O Anjo espere. Que aos Anjos, felizmente,
não alveja o cabelo nem as asas
emurhecem.

Nem sei de Anjo nenhum impaciente.
Há-de chegar, ao Anjo meu Amigo,
a hora de já ser da sua conta
o que eu faço ou desfaço aqui na Terra.
Por enquanto é comigo.

MEU PAÍS DESGRAÇADO

Meu país desgraçado!...
E no entanto há Sol a cada canto
e não há Mar tão lindo noutro lado.
Nem há Céu mais alegre do que o nosso,
nem pássaros, nem águas...

Meu país desgraçado!...
Por que fatal engano?
Que malévolos crimes
teus direitos de berço violaram?

Meu Povo
de cabeça pendida, mãos caídas,
de olhos sem fé
— busca, dentro de ti, fora de ti, aonde
a causa da miséria se te esconde.

E em nome dos direitos
que te deram a terra, o Sol, o Mar,
fere-a sem dó
com o lume do teu antigo olhar.

Alevanta-te, Povo!
Ah!, visses tu, nos olhos das mulheres,
a calada censura
que te reclama filhos mais robustos!

Povo anémico e triste,
meu Pedro Sem sem forças, sem haveres!
— olha a censura muda das mulheres!
Vai-te de novo ao Mar!
Reganha tuas barcas, tuas forças
e o direito de amar e fecundar
as que só por Amor te não desprezam!

BANDEIRA ALEGRE

Vou fincar, içada ao alto
como qualquer bandeira,
vou fincar, aqui na praia,
minha alegria verdadeira.

Agite a Brisa as suas cores.
Dê-lhes o Sol mais vida ainda.
Não se conheça nestes arredores
outra bandeira tão linda.

Pode haver vendavais, ciclones, fúrias de águas
que a praia deixem combalida:
salva, mais alta do que as ondas, a bandeira,
Nossa Senhora Aparecida,

dará coragem, fé, sinais de terra,
aos que se apegam, ignorados
heróis marítimos, aos restos
de seus navios naufragados.

E os que p'ra sempre os olhos cerrem
hão-de ter tempo de a ver,
minha alegria posta ao alto:
e assim custa-lhes menos a morrer.

Não que a distingam bem: nela verão,
enquanto a vista lhes desmaia,
lenços de Irmãs, de Mães, de Esposas,
que lhes acenam da praia.

Só no extremo minuto me corõem.
Quero levar ainda os loiros verdes,
como quem vem da última vitória.

JANELA ABERTA

MINHA ALMA ABRIU-SE...

Minha alma abriu-se...
Que linda janela
que é a minha alma!
Não!, linda não é ela:
lindas são as vistas
que se avistam dela.

Que ouvidos tão finos
que tem a minha alma!
Não!, finos não:
finos são os cantos
que os pássaros cantam,
meus ouvidos ouvem.

Como são tão belas
as coisas lá por fora!
Minha alma em tudo,
em tudo se demora.

Que ouvidos tão finos!
Que linda janela!
Quem me compra a alma?
Quanto dá por ela?

CANÇÃO DA FELICIDADE

...Pois à minha vida
nada lhe faltava.
Minha taça estava
toda ela cheia.

Nem fazia ideia
que pudesse haver
mais algum prazer
que aquele que eu tinha.

Pela manhãzinha,
pela tarde quente,
ninguém mais contente
pela rua andava.

As mãos, se as fechava,
as mãos, se as abria,
tudo quanto havia
tudo havia nelas.

Não pedia Estrelas,
não pedia flores,
não pedia amores,
porque os tinha já.

Que de enigmas há!
Como a Vida tem
coisas que a ninguém
passam p'la cabeça!

Antes que me esqueça
deixem-me contar:
hoje fui passear,
manhãzinha ainda,

e vi a mais linda
de todas as rosas:
pétalas sedosas,
vermelhas, brilhantes...

E eu, que tinha dantes
quanto me bastava,
nada me faltava
para ser feliz,

eu, que nunca quis
mais do que me deu
o favor do Céu
e o da humana gente,

fiquei tão contente
como se essa rosa
fôsse misteriosa
flor que eu desejasse;

como se eu andasse
à procura dela
por faltar só ela
para ser feliz...

Nasci p'ra ser ignorante.
Mas os parentes teimaram
(e dali não arrancaram)
em fazer de mim estudante.

Que remédio? Obedeci.
Há já três lustros que estudo.
Aprender, aprendi tudo,
mas tudo desaprendi.

Perdi o nome às Estrelas,
aos nossos rios e aos de fora.
Confundo fauna com flora.
Atrapalham-me as parcelas.

Mas passo dias inteiros
a ver um rio passar.
Com aves e ondas do Mar
tenho amores verdadeiros.

Rebrilha sempre uma Estrela
por sobre o meu parapeito;
pois não sou eu que me deito
sem ter falado com ela.

Conheço mais de mil flores.
Elas conhecem-me a mim.
Só não sei como em latim
as crismaram os doutores.

No entanto sou promovido,
mal haja lugar aberto,
a mestre: julgam-me esperto,
inteligente e sabido.

O pior é se um director
espreita p'la fechadura:
lá se vai licenciatura
se ouve as lições do doutor.

Lá se vai o ordenado
de tuta e meia por mês.
Lá fico eu de uma vez
um Poeta desempregado.

Se me não lograr o fado,
porém, com tais directores,
e de rios, aves e flores
sòmente for vigiado,

enquanto as aulas correrem
não sentirei calafrios,
que flores, aves e rios
ignorante é que me querem.

MELODIA VAGA

Voz do Crepúsculo, suave,
de onde me chamas?

Bates-me à porta, levezinho...
(Feita de Cor que se enternece?
Feita de flébeis meigas brisas?)

Se desço as pálpebras, melhor
percebo o vago apelo teu
(...que vem da Terra?
...que vem do Céu?).
Oiço que chamas, fecho os olhos.
Chamas e como que me sinto
em brandas sedas embalado.

Não sei p'ra onde vou levado
nem de onde chamas...
Será a Morte?

Se fosse a Morte,
que linda morte ela me dava! .
Baixava as pálpebras, sorria...
Deixava as sedas aflagarem
meu corpo jovem...
E assim, sem lágrimas, sem velas,
e sem caixão, sem flores, sem cruz,
só eu sabia que morria,
mas vagamente, meigamente,
qual uma seda a destingir-se
ou uma síncope da Luz...

DEUS SORRI

Deus sorri..., Deus sorri...

É um sorriso triste, às vezes... A uns é um
sorriso triste...

É um sorriso alegre, a outros, de outras vezes...
Feliz o que o puder aperceber, o sorriso de Deus.
Fûteis, violados todos os mistérios,
que o sorriso de Deus tudo esclarece.

Meus olhos nítidos, olhai:
Em que mistérios creis ainda?
Que verdades ainda vos escapam?
Que núvem ou que sombra vos empece,
se o sorriso de Deus tudo esclarece
e até à flor das núvens e das sombras
vai sorrindo?

CANÇÃO MATINAL

Vem até à Serra,
vem passear,
vem de flor em flor,
o cheiro do Mar.

Vem contar segredos
de sereias mortas
que sòmente vivem
na sua memória.

Conta, conta, conta...
Palpitam no ar
peitos de sereias
só de ele falar.

As flores do mato
cismam nas sereias.
Já, se o Vento as move,
são cabelos delas

que no Vento sentem.
Já nem mais as flores
são flores do mato:
são mãos de pastores

tateando, tateando,
nervosas, sensuais,
seios de sereia
gémeos dos corais.

ÁRVORES NUAS

Quando as mãos carinhosas de outro sol
seu corpo agreste enfeitem novamente,
que será já dos ventos que as despiram ?

Pobres ventos sem alma que as despiram !

OS GRILOS

Quem os ouvir, os grilos
que trilam trilam na escuridão,
há-de julgar que os grilos
têm razão.

Enchem a Noite de trilos.
Nem sei que absurda causa os leva
a serem mais presentes e reais
do que o perfume da esteva.

Cantam. De quanto é bom me alheiam.
Não há Estrelas, nem rouxinóis, nem nada:
há eles só, riscando a Noite'
com sua voz encarnada.

Que é das Fadas que vêm com a Noite?
Que é dos sonhos que a gente
sonha, mesmo acordados,
só porque a Noite nos presente?

Que é dos versos nascidos
quando as brisas da Noite nos embalam?

(Zanga-se o Poeta, à noite, com os grilos...

Mas eles não se ralam).

BAC O

Andava por ali o deus das Uvas.
Por trás de cada cepa se ocultava.
Tinha os pés disfarçados em raízes
que prendiam a terra virilmente.
Tinha os olhos nos cachos reflectidos.
E a firmeza das parras acusava
que escondiam seu sexo omnipotente.

Este cheiro do Mar é um convite...

Pobres Vascos da Gama, que deitavam
a sorte ao Mar, em cima de uma prancha,
sòmente porque as Índias convidavam!

OS CAVALOS

Dantes eram livres.
Agora, aperreados,
pastam pelos prados
como por favor.

Já lhes não dão nada
que não seja dado.
Mas nem se apercebem...
Feliz a ignorância
que lhes adoça o pasto!

NOCTURNO

Era um murmúrio longo de ondas mansas...
Um cochichar de Estrelas curiosas...
Um concerto de grilos tresnoitados...
Mais presente que tudo, aquele enorme
silêncio religioso, imagem pura
dos ouvidos atentos do Poeta...

Se alguém mentiu, não fui eu.
— Eu vinha alegre e cantava.
Se alguém mentiu foi o Sol,
se alguém mentiu foi o Mar,
que ficavam tristes, tristes,
à medida que eu cantava.

Se alguém mentiu não fui eu.
— Se alguém mentiu, foi o Céu:
era azul e fez-se pardo,
como se fosse da Morte
que a minha boca falava.

Eu vinha alegre e cantava.
Tudo, à volta, escurecera.
Se havia naquele dia
qualquer palavra sincera,
da minha boca saía.

CALMARIA

POESIA

A Poesia não fôra ali chamada.

Naquele chão, de rosas nem saudade.
Nem um perfume vago memorando-as...

Tudo, naquele sítio, repelia,
pelo seu ar hostil, que magoava,
o olhar sincero e lúcido dos Astros.

Quem não disse à Poesia
que não era chamada àquele sítio?

Não requerida, veio.

O chão continuou a não ter rosas...
Os Astros não deixaram de alhear-se...

Mas quem te nota,
ó ausência de Estrelas e de rosas?

— Não requerida, a Poesia veio.

A UM CORVO

Tens o poder das asas mutilado...
Tens a tristeza nobre dos proscritos...
Tens, no aspecto, a calma nostalgia
dos teus reinos de aquém e de além ar...
Mas não gritam tragédias nos teus olhos
nem lembranças violentas de outros dias
denunciam a fonte do teu sangue...
Sòmente o Poeta sabe do segredo
que os teus passos burgueses espesinham...

Boca nem sequer beijada!
Ó boca vagamente aparecida!
Boca nascida
sòmente p'ra deixar na minha vida
a nostalgia de um lago
que nem gaivotas ensombram
nem auras leves agitam...

Anda agora boiando na lagoa
o cadáver da flor que eu não tocara
se não fora o desejo irreprimível
de ver uma flor morta sobre as águas...

Enchi minhas palavras de silêncio
e pela vez primeira nesta vida
teu coração rebelde as entendeu...

CIDADE

As flores não sabiam dos pedintes
nem dos que estão à beira da loucura
nem das suas irmãs do lupanar.
Resplendiam de viço e de candura.

A Cidade mirava-se no espelho
desse jardim de flores ignorantes.
Encobertos com joias e com sedas
os devastados peitos cancerosos,
em cada flor se via reflectida.

Não era bem dos teus passos
que a Poesia saía.

No entanto, se tu passavas,
na sombra azul dos teus passos
adivinhavam meus olhos
bailados da Poesia.

O POETA

I

Era nas suas mãos que terminavam
as coisas infinitas e as finitas.
Por isso as suas mãos eram abismos
aonde se perdia o Pensamento.

Tudo ganhou sentido num momento...
Água mansa com choupos reflectidos,
teu olhar descansava no do Poeta;
e a poesia das coisas sem Poesia,
que no olhar do Poeta dormitava,
de súbito nas coisas acordava
— tão natural, tão íntima, tão própria,
como se fora delas que nascera...

ACEITANDO

Hora sossegada
de olhar estas flores...
Não lhes peço nada.
Basta a maravilha
de as estar olhando.

Quanto lhes pedisse
não seria mais
do que me vão dando
sem lhes pedir nada.

Flores que me dão
quanto lhes não peço,
quanto pediria
se pedir quisesse...

Hora sossegada...
Flores que mentira
não importa o nome
que lhes fôsse dado...

Fôsse a Vida a hora
de as estar olhando
e elas serem tudo
quanto me é preciso...

ODE A UM AMIGO MORTO

(ao Manel e ao Eurico)

Faltava-lhe a morte
para ser completo.
A taça estava cheia.
Faltava-lhe a pétala
da rosa
para transbordar.
A taça estava cheia
de amor e de esperança
e de mocidade.
A pétala caiu.
Transbordou a taça.
Mais pobre, só o Mundo.
Completo, só ele,
que morreu sereno
como quem o sabe.

AS CRIANÇAS

Olhavam para tudo extasiadas.
Puras, em cada rosa, em cada pedra,
viam beleza eterna e absoluta.
Seus olhos primitivos resumiam
a intacta poesia da Manhã.

ELEGIA

Nada chegou a ser, de tão efêmero.
Instante fugidio em que não houve
senão inexistência povoada
de presenças corpóreas e tangíveis...
Tão breve foi, tão débil o instante,
que não deixei ainda de senti-lo.
Que é das visões que vinham preenchê-lo?
Vasio de tudo o sinto, nu, ausente
das visões que lhe davam realidade...

Palavra nunca vista e nunca ouvida
mas presente em meu sangue e em minha alma
como a lembrança vaga de um poente...

A ESFINGE

Pois o meu coração que transbordasse,
já que de puro Amor transbordaria.
Antes isso que a vaga expressão fria,
o silêncio cruel da sua face.

O vento mais violento nela passe :
não vergará sua figura esguia.
As brancas mãos de estatua refugia
num segredo que a Noite lhe contasse.

E no entanto eu sei quanto me quer.
P'ra lá da pedra muda dos seus lábios
adivinho a palavra merecida.

Só não sei se ela é anjo se é mulher.
Não sei se ela é a Morte se é a Vida.
Seja lá o que for: mas que me fale!

FRISO

1

FÁBULA

Tinham murchado as rosas no jardim.

Chegou então, p'ra insultar as rosas
com o brilho da sua mocidade.

HAJA CIO NA PAISAGEM...

Haja cio na Paisagem quando passes...
Corpo em flor, mas sem homem que mereça
desvendar-te a secreta divindade,
ao menos a Paisagem te fecunde.

3

A MORTA

Nunca a sua beleza me falara
de um modo tão sincero e tão preciso.
Deixada finalmente
a efémera máscara da alma,
não há nada, nas formas do seu corpo,
que não seja verdade transparente.

PECADO ORIGINAL

MADRIGAL

A minha história é simples.
A tua, meu Amor,
é bem mais simples ainda:

«Era uma vez uma flor.
Nasceu à beira de um Poeta...»

Vês como é simples e linda?

(O resto conto depois;
mas tão a sós, tão de manso,
que só escutemos os dois).

Da minha janela
vê-se a Poesia.

Não te digo, não,
se é bonita ou feia,
se é azul ou branca,
nem que formas tem.

Queres conhecê-la ?
Deixa o teu bordado,
vem para o meu lado,
que já podes vê-la
com teus próprios olhos.

Da minha janela
vê-se a Poesia...

Outro que te diga
se é bonita ou feia.

DÁDIVA

Coisa nenhuma
foi tão verdadeira
como a tua alma
quando tu ma deste.

Deste-ma inteira...

Tua mão, que a dava,
nem me perguntava
se eu a merecia.
Dava-a e sorria,
como quem recebe.



Por que graça rara
ficaste florida,
mesmo assim despida
dessa flor tão pura?

LÍRICA

Sou feio, sou feio...
Quem gosta de mim?

Quebrei os espelhos
e as águas dos lagos
turvei-as...
Não gosto de ver-me
senão nos espelhos
dos olhos, das falas
dos outros.

As coisas que diz
a gente, sorrindo!...

Sou lindo, sou lindo,
se tu me sorris...

Que eu as diga ou não diga,
as palavras que digo
vão sempre ter contigo,
minha Amiga!

Estavas na varanda
e era em mim que pensavas.
Passaram as palavras
que os meus lábios te mandam

e logo nesse instante
a varanda floriu
e um pardal que te viu
chamou-te minha Amante.

Tinhas flores nos cabelos.
Tinhas as mãos douradas
de apertarem as minhas
em pensamento apenas.

Os teus olhos dançavam
ao som da minha voz.
De pressentir-me longe
teus lábios se pintavam

e a tua ternura
fingia-me tão perto
que o pardal indiscreto
adivinhou tudo.

CANSAÇO

Não quero amar nem ser amado...
Quero ficar estúpido e cansado
a este canto, e só.

Batido pelo Vento,
sem conforto, sem pão, sem alegria.

E se eu chamar não venhas.
(Que eu não hei-de chamar-te...)

No entanto, Amor, não saias para longe.
É que eu posso, apesar de tudo quanto digo,
chamar por ti.
E era tão bom saber que me escutavas!...
E era tão bom sentir que perdoavas!...

CREPUSCULAR

Já não são horas, meu Amor...
A hora
passou
em que era grato a gente amar.
É um querer de Irmão este de agora.
Nem a Tarde
é já o cravo rubro de inda há pouco:
é um murmúrio quase... um lírio inexistente
dulcificando as coisas, perfumando-as
de carinhos...

Não é a hora, Amor.
Agora
deixa sorrir em nós a peregrina
ternura da Paisagem.
Não desprendas as mãos
das minhas...

Abandona-as, mas castas como berços...
E beija-me na testa...
Quando a Noite
mansa vier vindo,
Amor, beija de manso a minha testa...
De manso, meu Amor...
Como se o lírio da Tarde se fechasse...

LENGA-LENGA

Não quero ser teu mais constante
pensamento.
Nem sequer, meu Amor!, teu sentimento
mais instante.

Basta-me ser,
a certas horas de certos dias,
o Sol que vai tuas mãos frias
aquecer.

Basta-me ser, a certas horas,
quando, subtil, a Mágoa vem,
aquela lágrima que choras
e te faz bem.

Basta-me ser aquele nome
naquela carta daquela tarde
em que tu tinhas sede e fome
de que eu viesse acompanhar-te.

(Se eu, meu Amor!, não fôsse vivo,
quem sabe lá se existiria
a tua cândida alegria
que é sem princípio e sem motivo?...))

Basta-me ser a fala amiga
que a alma clara te adormente
quando excitada de contente
ou quando morta de fadiga.

Ser entre todos o mais belo.
O de mais recta consciência.
O de mais funda inteligência.
O que dá gosto ouvi-lo e vê-lo.

E é tanta coisa o que me basta!
Mas ser, em toda a tua vida,
a vida única vivida,
a sombra, o ar que não se afasta,

ah!. meu Amor!, tem dó de nós.
Antes perdidos num deserto:
eu sempre ouvindo a tua voz,
mas sem jamais te ver de perto.

E tu também... Assim, assim,
que outro sabor não tinha a vida:
toda em teu bem, Amor!, erguida,
mas realizada só por mim.

E a tua, essa,
só tuas mãos para a moldar,
nem que depois ma viesses dar
como quem paga uma promessa...

LEMBRANÇA

Foi naquela tarde,
já distante...

Mas foi tão nítido e tão vivo,
Amor!, o beijo que me deste,
que não consegue ser saudade.

Flor cálida, vermelha flor tenrinha
que nos lábios contentes me deixaste...

Triste, já o Outono se avizinha.

Só essa flor não quer tombar da haste...

CANÇÃOZINHA

Fôsse mentira,
fôsse verdade,
era por mim
que ela chorava.

De levezinho,
sobre os seus ombros
poisei as mãos.
De levezinho...

Se era verdade,
se era mentira,
que o diga aquela
lágrima alegre
que agradecia...

«Quantas horas perdi
foi por ti
que as perdi.»

Vai o meu coração
repetiu a lição:

— «Quantas horas perdi
foi por ti
que as ganhei...»

CANÇÃO INOCENTE

Deitou-se a menina
da varanda abaixo.
Fugiu com o moço.
— Não podia mais.

Fugiu para onde
ninguém lhe ralhasse,
fôsem naturais
os beijos que desse.

Lá vai a menina.
Lamentam-se os pais.
Murmuram vizinhas
e gatos e cães.

Lá vai a menina...
Tinha a alma branca,
branquinha ficou.

E a alma dos pais?

PECADO ORIGINAL

Era tão fácil, tão à mão!...
Depois, aquela primavera
dizia coisas tão subtis!...
Que é que importava a lei austera,
quando as maçãs eram rosadas
e Adão e Eva juvenis?

Simples, ergueu seus braços fortes.

Sumo gostoso da maçã...

Eternos ralhos e castigos...

Ri-te de ralhos e castigos,
Senhora Eva minha Mãe!
Seja teu roubo celebrado!

— Ficou a mágoa do pecado
mas a maçã ficou também.

Nos teus olhos, aos poucos, vou achando
(de adivinhá-lo há rosas que sorriem)
quanto no mundo, aos poucos, fui perdendo...

IDEAL BURGUEÊS

Nada mais bonito
do que ser casado.
Ter seu lar com flores,
seu lençol bordado.
Sua mulherzinha
que vele, cuidosa,
pela nossa vida
(Ai!, tantos carinhos
nem com uma rosa!...)

Nada mais bonito
do que ver à mesa
dois ou três meninos:
um com meus cabelos,

outro com meus lábios,
o terceiro, ainda,
com meus olhos verdes,
com teus dedos finos.
Bem à flor da pele
nosso amor, em todos,
a falar-nos dele.

Nada mais bonito,
nada mais bonito:
a gente casar,
a gente ficar
toda a vida assim:
eu todo p'ra ti,
tu toda p'ra mim.
E do nosso amor
nas noites de Maio,
nas tardes de Agosto,
fazer o perdão
p'ra certo desgosto
que deu, ao Senhor,
nosso Pai Adão.

Beijo a rosa brava
do teu ventre jovem...

(Se é que não baixava
dos seus peitos nus,
de onde vinha a luz
que me iluminava?)

Oh!, o vivo instante
que, de tão ansiado,
se fez tão presente
que o meu corpo ardente,
antes de chegado,
já o agradece!

(O cheirinho a frutos
que me entontecia
tudo me dizia
vir dos lábios dela...)

Na calada auréola
do segredo enorme
sobre nós suspenso,
já meu corpo sabe,
já o teu presente
como a virgindade,
para merecê-la,
hás-de tu perdê-la
nesse instante vivo
que de tão ansiado
já se fez presente.

(Onde é que nascias,
se ela não falava,
música tão vaga
que mal existias?)

PUREZA

Vem toda nua
ou, se o não consentir o teu pudor,
vestida de vermelho.

Teus tules brancos,
o azul, que desmaia,
de tuas sedas finas,
guarda-os p'ra outros dias.

P'ra quando, Amor!, teu ventre, já redondo,
merecer a pureza do azul...

CORAÇÃO ATENTO

ENFERMEIRA

As raras vezes que apareces,
eu imagino-me doente.
A hora é branca, toda branca...
E tu, serena, resplandeces,
também de branco.

Há um silêncio que se enflora
de uma ternura desusada.
Talvez a chuva lá por fora...
Mas para mim não há mais nada
que a tua imagem, nessa hora,
sobre o meu leito debruçada.

Palavra alguma, nem um gesto,
vem confirmar tua presença,
que simplesmente se anuncia
pela suavíssima alegria
de imaginar que estou doente.

E não me ajeitas a almofada...
E não me pões à cabeceira
nem uma rosa nem um livro...
Mas é tão boa e verdadeira
tua presença ao pé de mim
que quando saís, misteriosa,
toda de branco,
a tua ausência doi-me tanto,
e aquela hora, de repente,
fica tão fria e tão vazia
que escusa a minha fantasia
de imaginar que estou doente.

CANTILENA

Cortaram as asas
ao rouxinol.
Rouxinol sem asas
não pode voar.

Quebraram-te o bico,
rouxinol!
Rouxinol sem bico
não pode cantar.

Que ao menos a Noite
ninguém, rouxinol!,
ta queira roubar.
Rouxinol sem Noite
não pode viver.

PÃO NOSSO DE CADA DIA

Chega até aqui o barulho do Mundo.
Só as vozes alegres. As tristes, essas, não.
—: Fazem um sussurro tão leve, tão íntimo,
que só imaginando-as consigo ouvi-las.
Mas elas é que são mais verdadeiras
(mais verdadeiras, não: mais constantes).

Ah!, é preciso acabar com isto.
Erguer as mãos (mas de protesto, não de súplica)
p'ra Deus
e gritar: «Queremos a Vida, queremos
a Felicidade.
Queremos o pão nosso de cada dia.

Nós que trabalhamos, que desejamos,
nós que merecemos, Senhor, nós que merecemos,
queremos a Vida, queremos a Felicidade».

Senhor, eu sou Poeta. Tenho pão, tenho vinho.
Posso gozar os Teus rios, as Tuas serras,
a liberdade que me deste.
Sou quase feliz. Mas até onde estou
chegam, nitidas, as vozes de alguns como eu
e chegam, adivinhadas, as dos tristes, as dos
que não têm nada
senão o direito de serem felizes também.

Eu aceito, Senhor, que seja impossível
compreender-Te.
E sei que há para todos horas que são aleluias
— mesmo para os mais desgraçados.
É enorme, é grandioso a gente não
compreender nada disto.

E no entanto minha incompreensão grandiosa,
minha aceitação grandiosa,
num instante se abatem. Simplesmente
porque um menino magro, lá em baixo
no Mundo, pediu-me pão.
Triste pediu-me pão,
como se o pão não devera ser gratuito
como o Sol...

CEMITÉRIO

Aqui os mortos estão
— vivos em tudo que for
apenas recordação.

Aqui, lembrados de nós
sòmente nas horas raras
em que os lembramos.

Aqui, mudos para sempre,
dizem sòmente as palavras
que quem as diz somos nós,

naquelas horas escassas
em que há morte em nossa vida
e vida na morte deles...

DESENHO

Como as ondas dos lagos,
como as aves...
De gestos suaves, suaves
como afagos...

Depois, ainda,
o seu arzinho de menina linda
que acredita nos sonhos das bonecas.

(Ah!, que desejo de chamar-lhe Irmã!)

E o seu sorriso, igual
aos primeiros sorrisos da Manhã...

E a meiga fonte cantante
da sua voz...

E aquela boa alegria
que só de vê-la se sente...

— Poesia, por quê buscar-te
p'ra lá dos Astros,
se andas tão perto da gente?

MATERNIDADE

Quando eu passei, já parira.
Já não vi o milagre
em toda a sua inteireza.
—: Vi apenas
o chibinho buscando, sem achá-las,
as tetas maternais.

Sòmente sombras, árvores e céus
lhe haviam assistido.
Nem de mais precisou, p'ra se partir
em duas vidas iguais.

(Seria por acaso que eu passei?)

O chibinho balia.

Ela, calada,

suspeito que pensava o que pensei:

cabra ou mulher, naquele instante enorme
o respeito devido é sempre o mesmo.

Ah!, que eu já sei, já sei como os cabritos
dizem Mãe!...

O chibinho balia.

Fez-se um grande silêncio em volta do mistério:

tudo, à volta, se enchia

do balido tão flébil...

Como que a Natureza se cansara

de ser pagã,

e submissa, suspensa, ajoelhada,

virgem de Graça, atendia

de aquele enorme instante misterioso

a esmola de ser santificada.

HORA VERMELHA

Por que vieste, pensamento?
Já me bastava o Mar violento,
já me bastava o Sol que ardia...
P'los meus sentidos escorria
não sei lá bem que seiva forte
que a carne toda me deixava
qual uma flor ou uma lava
num riso aberto contra a Morte.

Já me bastava tudo isto.
Mas tu vieste, pensamento,
e vieste duro, turbulento.
Vieste com formas e com sangue:
erectos seios de mulher,
as carnes róseas como frutos.

Boca rasgada num pedido
a que se quer e se não quer
dizer que não.
Os braços longos estendidos.
A mão em concha sobre o sexo
que nem a Vénus de Camões.

Ai!, pensamento,
deixa-me a calma da Poesia!
Aqui na praia só com ela,
virgem castíssima, sincera!...
Sua mão branca saberia
chamar cordeiro ao Mar violento,
pôr meigo, meigo, o Sol que ardia.
Mas tu vieste, pensamento.
Tua nudez, que me obsidia,
logo, subtil, encheu de alento
velhos desejos recalçados,
beijos mordidos
antes de os ver a luz do Dia.

Vai-te depressa, pensamento!
Deixa-me a calma da Poesia.
Fique em minh'alma o só perfume
da cêrca alegre de um convento.
Os meus sentidos embalados
numa suave melodia.
(Ah!, não nos quero desgrenhados
como quem volta de uma orgia).

E então meus lábios mais serenos
do que se orassem sobre um berço,
sorrindo à Vida,
sorrindo à Morte.
Ah!, não nos quero assim grosseiros,
ébrios, torcidos,
como depois de um vinho forte.

EPITÁFIO

Eras feio, eras triste.
Em tua mão, ninguém
pudera adivinhar uma carícia.
Teus olhos eram lumes de desdém.
Teus lábios afastavam.

Passaram as mais belas.
As miseráveis
passaram.
Nenhuma delas,
nem as que o Mundo não quis

e, sôfregas, andavam à procura
quem sabe se de ti,
te aceitou assim triste, repelente.
Nenhuma
beijou a chaga horrível do teu peito
como se fora sua.

Foi-te ao menos a terra piedosa.
Mas que o não saibas nunca!
Fique-te o sonho afável de que a terra
sòmente por Amor te abriu seus braços.
Nem tu, Irmão!, precisas de outra rosa
que te perfume a campa...

Hoje não cantas, Mar! nem gritas: murmuras
docemente.
Quase, de tão baixinha a tua voz, não falas.
Que bem te entendo, Mar!

(Ouve: p'ra cá da praia, que soluços,
que chagas antiquíssimas, que preces,
que corações varados por espadas!...
Ah!, sempre, sempre, sempre, como há vinte
mil anos, este Mundo
a gemer sobre um leito de misérias!...)

Mar velho!,
que hoje apenas murmuras doce... docemente...,
que maneiras as tuas, tão boas e tão próprias,
de estar à cabeceira de um doente!

PECADO

Horas em que o Diabo manda mais...
Mas os lábios da Noite não se riram,
desdenhosos, de mim.

Nem houve, nos seus olhos,
a mínima censura.

Receoso ergui os olhos, mal ousando
olhar de frente o azul imaculado
dos seus.

E ela sorriu...
Puríssima, na sua
virgindade fecunda
(abençoada, Noite!,
a gravidez perene do teu ventre...),
puríssima, serena de inocência,
teve um sorriso claro para mim.

Como se nada vira...

Antes assim.
Minha só, a miséria dessa hora
nem lhe manchou a orla do vestido.

Ah!, fôsse meu também
seu ar puríssimo, sereno de inocência...

HOSPITAL

Quando vem alguém
não há hospital.
Há doces, há livros,
notícias da rua,
conforto de Amigos.

Que breves minutos!
Já todos se vão.
Já doem as dores.
Já desce a tristeza
de estarem sòzinhos.

Mais triste que os outros,
mais só, lá no fundo,
há um que por pouco
não chora de mágoa.
—: Não veio ninguém
lembrar-lhe que há Vida.

— Ai flor esquecida,
morrendo..., morrendo...,
num jarro sem água!

NAUFRÁGIO

Não era por mal...
A onda que vinha
não vinha por mal.

Mas veio, mas veio...
E logo a barquinha
partiu pelo meio.

Nem homens, nem velas.
— : Quanto a bordo ia,
com fé abalara,
morreu já sem ela.

Mas, se a onda veio,
não veio por mal :
era irmã daquela
que chegou à praia,
que embala barquinhos
de meninos pobres.

Os meninos brincam.
Navegam em barcos
feitos de cortiça,
feitos de jornal.
Quase à mesma hora,
longe, os pais naufragam
sem nenhuma ajuda.

Mas não é por mal...

MOÇA JEITOSA DO MINHO

Viva a poesia toda ingénua
de eu ir sentado ao pé de ti,
moça jeitosa do Minho!
Levas o fio, as arrecadas.
Levas um saco de retalhos
sobre as pernas.
Vamos os dois de camioneta,
vamos a Braga, vamos a Braga.

Quando passámos pelas almas
todos tiraram seu chapéu.
(Tu nem rezaste, só a pensar
que ias a Braga...)
Que as boas almas do caminho,
que elas, mocinha!, me castiguem,
se é que eu te miro
com má tenção.

Vamos a Braga!, vamos a Braga!
Tu vais comprar um lenço novo,
olhar as montras com enlevo.
Ah!, que as alminhas me confundam,
se o meu enlevo, moça do Minho!,
é diferente do teu enlevo
ao pé das montras da cidade.

E a camioneta roda que roda...
Tu vais distante: já vais em Braga,
olhando as montras, mercando o lenço.
Se te voltasses, vias meus olhos
tão enlevados,
vias meus lábios, cheios de versos,
tão enlevados, tão enlevados,
que baixarias teus olhos castos.

Não cores, moça!
Não foi um beijo que eu te pedi.
Nem os meus versos são mãos de fogo
que te desejam.
São a poesia toda pura
de eu ir sentado ao pé de ti.
Quase que rezam...
Podia lê-los o Senhor Abade...

BUCÓLICA

Baliu, pela mudez da Noite, a voz mansinha
de uma borrega aflita.

Que coração atento a pôde ouvir?
Onde a ovelha-Mãe, onde o pastor
que viesse enxugar seu pranto de alma?

Baliu, pela mudez da Noite, dolorida...

O Poeta, esse, ouviu.
Mas tinha, sobretudo,
de rimar os balidos da borrega
com aquele abandono desumano.

E nem sequer a Noite lhe acudiu...

MARÉ ALTA

SONETO DE ANTÓNIO

António! dorme... Já se acabou a tosse.
Não mais ocultarás os teus soluços,
quando passarem rapazes
com os lábios vermelhos e saudáveis.

Dorme... Carlota vela à tua cabeceira.
(«Ia tão seco o meu querido Menino!...
Mas toda a gente agora fala dele;
que foi um grande Poeta ou lá o que é»).

Ouve, António: sempre é verdade a Lua Nova?
E os Anjinhos? E a tua
Nossa Senhora linda?

— Diz-me que sim, mesmo se for mentira...
Eu acredito, eu acredito, António!,
e é por isso que vou vivendo ainda.

LENDA DAS SETE CHAVES

Fechaste o Céu a sete chaves...

E que me importa não achá-las,
as sete chaves escondidas?
A mim me basta procurá-las.
Já sou feliz, só de saber
que ando à procura
das sete chaves.

Mas Tu, Senhor, que aborrecido,
mas Tu que só Te hás-de sentir,
sempre teimando em não abrir
e em recusar
a nossa humana companhia.
Farto das almas velhas-relhas
sem novidades p'ra contar!
Que estranha a Tua teimosia!...

Ah!, já de pasmo Te finaras
se volta e meia não viesses,
mas disfarçado e às fugidas,
p'ra me ajudares a procurar
as sete chaves escondidas.

CRISTO

À minha cabeceira o Cristo morre
de puro dó. Silenciosamente,
da cabeça caída para a frente
um fio de sangue, ainda vivo, escorre.

Puseram-mO ali como um remorso.
Não quiseram matá-Lo de uma vez,
p'ra m'O pôrem ali como um remorso.
Tem os olhos abertos. Tristes..., tristes...
E a Sua boca quase que me fala,
como quem repreende meigamente.

Quando me vou deitar, já nem O olho.
Apago a minha vela bruscamente,
p'ra não ver os Seus olhos que me doem
como um remorso antigo.

Por que não ficou morto no Calvário,
apodrecendo aos Astros indiferentes?
Por que veio acabar para o meu quarto,
com estes olhos suaves que me acusam,
com estes lábios tristes que me pedem
que O não deixe morrer tão sem razão?

Tem quase dois mil anos o meu quarto.
E em mais de mil das noites destes anos
eu apaguei a vela p'ra não ver
a agonia do Cristo, que me acusa.

Mas Ele rasga a escuridão da Noite.
Mas Ele rasga o sono em que me oculto
e vem, solto da cruz a que o preendi,
continuar, no fundo da minh' alma,
Seu estertor.
Seus olhos brilham mais, na escuridão...
P'ra de todo morrer,
como que espera apenas o segundo
de eu Lhe pedir perdão.

HOJE DEUS É VERDADE

Hoje Deus é verdade!
Hoje até o mistério da Trindade,
modos de amar a Deus, preceitos, dogmas, ritos,
tudo quanto quiserem, eu aceito.

Passem p'ra cá papel e tinta. (Se preferem,
escreverei a sangue esta notícia).
Sem demora nenhuma!
Convicto, ardente, alegre, cumpro a vossa
formalidade inútil
e corro a olhar Deus de mais pertinho.

Hoje Deus é verdade!
Não é mais a imagem na parede
que ouve, por convenção, as nossas mágoas,
criou, por convenção, terras e águas,

por convenção aplaca a minha sede,
que tudo faz e tudo quer e tudo pode,
por convenção.

(E a quem, também por convenção, fingindo
que acredito
que tudo pode e tudo quer e tudo faz,
rezo, pela manhã e à noite, distraído...)

Hoje Deus é verdade como o Sol!
A imagem mexeu-se na parede
sem ser por convenção.
Não sei se ela me disse ou me não disse
que todas as verdades, mesmo as mais
pequenas, aceitasse,
mas cá vou aceitando quanto queiram:
modos de amar a Deus, preceitos, dogmas, ritos...
Vivam (que eu deixarei, condescendente)
sua mesquinha enorme claridade:
nada pode ofuscar esta verdade
de hoje Deus ser verdade como o Sol.

TENTAÇÃO

Nem sequer o teu peito p'ra deitar
minha cabeça tonta de fadiga!
Ah!, nem sequer a tua voz amiga
que me sabe tão bem acalentar!

— Deixou-me Deus sòzinho a este canto.
Só Ele vem, volta não volta, rir
de eu nem ter ânimo p'ra me insurgir
quando Seu riso mau me aflige tanto.

Por que vem Deus, se vem, assim tão cheio
de maldade, de troça, de cinismo?
Não era este o Deus que me ensinaram...
:Um — que nos pede Amor e não receio.
Um — a cujo sinal se iluminaram
as trevas do Abismo.

Por que vem Deus tão outro?
Lindo
podia ser este cair-da-tarde...
Mas Deus à minha volta não descansa.
Na cabeça lhe apontam dois cornichos.
E ri — porque o Seu riso é uma lança.
E salta à minha volta numa dança
que é desafio aberto à minha fé.
Já não é Deus aquela fonte mansa
que aonde quer que a dor nos acometa
nasce, beatificando a nossa alma.
Já Se enfastia Deus de ser o Bom
e o Justo...

Ah!, Deus, pois é Seu gosto, ria!
Deus que salte, ruim, à minha volta!
Faça da minha fé o Seu brinquedo!

Mas saiba
que mesmo entre soluços, entre escuma
de desespero e raiva,
só «Deus!», só «Deus!», só «Deus!», só esse
enorme,
se assim o quer, insulto,
p'ra Lhe dizer trarei à flor dos lábios...

PARÁBOLA DA OVELHA

Inútil, inútil, inútil,
qualquer palavra.
Aparece-lhe, apenas.
Olha p'ra ela, simplesmente,
com essa serenidade
que só Tu e os santos sabeis ter.
Ela compreenderá.
Ela Te seguirá por todos os abismos,
por todos os infernos,
pelos caminhos todos
e por todas as dores necessárias
para chegar ao Reino da Verdade.

Nem palavras, nem mesmo mensageiros.
Tu sòmente, Senhor!, Tu lhe aparece
com Teu silêncio grávido da Tua
Revelação.

Ela compreenderá.
E não dirá também uma palavra:
nem de perdão,
nem de arrependimento, nem de graças.
Guardá-la-á, Tua Revelação, no peito
e cerrará os lábios.
Mas seguirá por todos os caminhos,
por todas as alegrias...

Desamparada, espera.
Não sabe o quê, mas espera.
Não prometeste que vinhas.
(Tu não prometes nunca...)
Mas virás.
E hás-de vir sem palavras.
Com Teus olhos serenos, simplesmente,
com Teus modos
serenos.

E ela compreenderá, irá conTigo.
Serena, sem palavras.
Nem há-de reparar
que Te não vira nunca.
Irá serena, sem palavras,
como se tudo aquilo

(sua tão longa espera,
Tua chegada repentina,
vosso encontro sereno),
como se tudo fora combinado.

MARÉ ALTA

Não, a lágrima não veio,
nem mesmo fazia falta.
P'ra quê, quebrar este enleio?
Transbordar a maré alta,
para quê?

— Vive Deus, que O estou vivendo
nestes lábios com que choro
e nos olhos com que eu olho.
Quantas luzes se acenderam,
não sei se dentro de mim,
não sei se à volta de mim!
Como as minhas mãos, erguidas,
são naves de cathedral
e são preces e são velas
ardendo por sua Glória!...

Não me talhes outra sorte,
meu Deus!
Se é isto morte, que eu morra
(que eu continue morrendo...)
Se é isto vida, que eu viva.
Que fique sempre cativa
minh' alma, se é cativo
esta alegria.

Perdidas todas as vozes
que não sejam p'ra louvar-Te...
Perdidos todos os gestos...
Perdidos todos os dias
em que eu Te não abençõe...
A mim, Senhor! que não quero
senão querer o que queiras,
por que me fazes contar
na minha vida passada
tanta fala em vão falada
e tanto dia perdido
e tanto gesto perdido?...

Sempre ao pé de mim, Senhor!,
e quase sempre calado,
como se eu não fosse um homem
tão miserável, tão homem,
que preciso de Te ouvir
e Te sentir
p'ra saber que estás comigo...

(Ai horas só de vileza,
de descrença e azedume!...)

Ah!, mas que tudo se esqueça
na Luz clara que me bebe! ..
Sejam, minhas mãos, altares!
Meus olhos, portas abertas
sobre Deus!
E, meus lábios comovidos,
beijos do Senhor, marcados
na minha carne feliz!

Meu Deus!,
se tudo, e até meus pecados
e minhas dúvidas, tudo
quanto bem ou mal vivi,
foi a paga desta hora,
que não farei para agora
me não deixares sem Ti?

Toma a minh'alma... Desfolha-a
como se fosse uma rosa...
Ou rasga-a
como a papel que não presta...
Ou torce-a entre os Teus dedos...
Faz' dela quanto quiseses
mas que perceba que és Tu,
quem a esfolha, ou torce, ou rasga...

Faz' dela quanto quiseres,
mas tudo à luz desta Luz
que é o olhar dos meus olhos
e a fala que eu Te falo...

Ai!, a minh'alma, hás-de vê-la
sempre mais bela,
mais grata para conTigo
a cada golpe se erguendo,
como se fosse nascendo
a cada novo castigo!...



ARRÁBIDA
1945 - 1947

ÍNDICE

	Pág.
EPÍGRAFE	9
<i>Que me importa, meus versos, que vos tomem</i>	11
CABO DA BOA ESPERANÇA	13
<i>Nunca fala da Vida</i>	15
ALVORADA	17
<i>Lembro discretamente o vago instante</i>	19
As fontes	20
<i>Pus de parte a modéstia e o pudor</i>	23
Canção inútil	24
Largada	26
Defesa	28
Canção de guerra	29
O segredo é amar.	31
Relatório	32
Canção do vento norte	34
Caravela perdida	37
Mocidade	39
<i>Da mão de nenhum Anjo a minha vida</i>	42
Meu país desgraçado	44
Bandeira alegre.	46
<i>Só no extremo minuto me corôem</i>	48
JANELA ABERTA	49
Minha alma abriu-se	51
Canção da felicidade	53
<i>Nasci p'ra ser ignorante</i>	56
Melodia vaga	59
Deus sorri.	61
Canção matinal	62
Árvores nuas	64
Os grilos	65
Baco.	67
<i>Este cheiro do Mar é um convite.</i>	68
Os cavalos	69
Nocturno	70
<i>Se alguém mentiu, não fui eu</i>	71
CALMARIA	73
Poesia	75
A um corvo	77
<i>Boca nem sequer beijada!</i>	78
<i>Anda agora boiando na lagoa</i>	79
<i>Enchi minhas palavras de silêncio</i>	80
Cidade	81
<i>Não era bem dos teus passos</i>	82
O poeta	83
Aceitando	85

	Pág.
Ode a um amigo morto	87
As crianças	88
Elegia	89
<i>Palavra nunca vista e nunca ouvida</i>	90
A esfinge	91
Friso	93
PECADO ORIGINAL	97
Madrigal	99
<i>Da minha janela</i>	100
Dádiva	101
Lírica	103
<i>Que eu as diga ou não diga</i>	105
Cansaço	107
Crepuscular	108
Lenga-Lenga	110
Lembrança	113
Cançãozinha	114
A B C	115
Canção inocente	116
Pecado original	118
<i>Nos teus olhos, aos poucos, vou achando</i>	120
Ideal burguês	121
<i>Beijo a rosa brava</i>	123
Pureza	125
CORAÇÃO ATENTO	127
Enfermeira	129
Cantilena	131
Pão nosso de cada dia	132
Cemitério	134
Desenho	135
Maternidade	137
Hora vermelha	139
Epitáfio	142
<i>Hoje não cantas, Mar! nem gritas: murmuras docemente</i>	144
Pecado	145
Hospital	147
Naufrágio	149
Moça jeitosa do Minho	151
Bucólica	153
MARÉ ALTA	155
Soneto de António	157
Lenda das sete chaves	159
Cristo	161
Hoje Deus é verdade	163
Tentação	165
Parábola da ovelha	167
Maré alta	166

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E
IMPRESSO NA TIPOGRAFIA ALFA,
TRAV. DO CONDE DE SOURE, 4,
LISBOA, PARA A PORTUGALIA
EDITORIA EM DEZEMBRO DE 1947

CAPA DE LINO ANTÓNIO



